

A escrava

Antologia de prosa e versos

Maria Firmina dos Reis

edição brasileira© Hedra 2021
organização© Rodrigo Jorge Ribeiro Neves

edição Jorge Sallum
coedição Suzana Salama
assistência editorial Paulo Henrique Pompermaier
revisão Renier Silva
capa Lucas-K

ISBN 978-65-89705-25-3

conselho editorial Adriano Scatolin,
Antonio Valverde,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Ricardo Valle,
Tales Ab'Saber,
Tâmis Parron

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br
Foi feito o depósito legal.

A escrava

Antologia de prosa e versos

Maria Firmina dos Reis

Rodrigo Jorge Ribeiro Neves (*organização*)

1ª edição

hedra

São Paulo 2021

A escrava consiste em uma seleção de importantes textos em prosa e poemas de Maria Firmina dos Reis, como o conto “A escrava”, de 1887, a novela “Gupeva”, de 1861, e 32 poemas: dos quais 29 foram extraídos entre os 56 de *Cantos à beira-mar* (1871), dois da antologia *Parnaso maranhense* (1861), e o famoso “Hino à liberdade dos escravos”, originalmente escrito para ser cantado e acompanhado por instrumentos musicais. Nesta seleção, apresentam-se alguns dos principais elementos que caracterizam a literatura da escritora: a situação dos escravizados, que passam a ter protagonismo nas narrativas, o papel da mulher na sociedade, as condições dos povos indígenas, um sentimentalismo romântico amoroso e a exaltação da terra.

Maria Firmina dos Reis (São Luis, MA, 1822–Guimarães, MA, 1917) é considerada a primeira romancista negra da história da literatura brasileira. Em 1847, concorreu à cadeira de Instrução Primária em Guimarães, cidade para a qual se mudou aos cinco anos com sua mãe e sua irmã para viver na casa de uma tia de melhores condições financeiras. Lecionou até 1881, sendo que, em 1880, aos 54 anos, criou uma sala de aula mista e gratuita em Maçaricó, a poucos quilômetros de Guimarães. Sua estreia literária, com o romance *Úrsula*, em 1859, já portava características abolicionistas, que ficariam evidentes em um conto como “A escrava”. Também publicou poemas em diversos jornais maranhenses ao longo da década de 1860, depois antologizados em *Cantos à beira-mar*. Também foi compositora e musicista. Sua obra passou a ser lida novamente apenas em 1962, quando o historiador Horácio de Almeida descobriu um exemplar de *Úrsula* entre um lote de livros antigos adquiridos no Rio de Janeiro.

Rodrigo Jorge Ribeiro Neves é doutor em Estudos de Literatura e mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Foi pesquisador visitante na Princeton University (EUA) e bolsista da Fundação Casa de Rui Barbosa. Atuou como docente de literatura brasileira na UFF e na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Desenvolveu pesquisa de pós-doutorado no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP) e na Universidad de Alcalá, Espanha.

Coleção Metabiblioteca foi pensada para edições anotadas, obras completas ou escolhidas de cânones da literatura em língua portuguesa. Desde estabelecimento de textos até novas hipóteses de leitura, a coleção propõe publicações que vão além do que geralmente é conhecido como vernáculo.

Sumário

Apresentação	7
PROSA.	13
A escrava	15
Gupeva	31
VERSOS.	57
Uma lágrima	59
Minha terra	63
A lua brasileira	67
Uma tarde em Cumã	71
Súplica	73
Dirceu	77
O meu segredo	81
Ah! Não posso!	85
Sonho ou visão?	87
Por ocasião da tomada de Villeta e ocupação de Assunção	89
No álbum de uma amiga	91
Seu nome	93
Meus amores	95
Confissão	97
Te Deum	99
Visão	103
A mendiga	107
O proscrito	113
A dor, que não tem cura	115
Amor	117

Itaculumim	119
Meditação	125
Embora eu goste	129
Não quero amar mais ninguém	133
Minha alma	135
A vida é sonho	137
Nênia	139
Uns olhos	143
A uma amiga	145
Por ver-te	147
Minha vida	149
Hino à liberdade dos escravos	151

Apresentação

RODRIGO JORGE RIBEIRO NEVES

Maria Firmina dos Reis nasceu no dia 11 de março de 1822, ano em que o Brasil se tornava independente de Portugal, em São Luís do Maranhão. Filha de Leonor Felipa dos Reis, escrava alforriada e, segundo seu registro de óbito, João Pedro Esteves, homem abastado e sócio do antigo dono de sua mãe. Considerada a primeira escritora negra do Brasil, foi também professora primária, compositora, musicista e criadora da primeira escola de meninas e meninos do país, fundada em Maçaricó, povoado próximo ao município maranhense de Guimarães; as aulas, gratuitas, eram ministradas dentro de um barracão na propriedade de um senhor de engenho. No entanto, a escola mista não chegou a durar três anos em decorrência da insatisfação gerada na cidade.

A escritora cresceu e viveu em meio a uma sociedade elitista, escravocrata e patriarcal. O estado do Maranhão era mais um a expressar seu elitismo por meio do acesso limitado ao ensino. Na época, só existiam cursos de Medicina e Direito, portanto escritores faziam parte de um grupo extremamente restrito. A maioria eram homens brancos, economicamente privilegiados, com acesso ao estudo das letras e recursos para a publicação de seus trabalhos. Maria Firmina dos Reis viveu a Independência do Brasil em 1822, a promulgação da 1ª Constituição em 1824, a Lei Eusébio de Queiroz de 1850, a Abolição da Escravidão em 1888, a Proclamação da República em 1889, assim como todas as mudanças que surgiram no país e no mundo com a virada do século.

Conheceu a literatura ao mudar-se para a vila de São José de Guimarães, em 1830. Sua relação com parentes ligados ao meio cultural, como o gramático Sotero dos Reis, somada ao autodidatismo, construíram seu amor pelas letras. Pela via da ficção, Firmina foi a primeira a colocar o negro como sujeito humanizado, munido de voz capaz de relatar suas tragédias como instrumento de denúncia à escravidão. Pequena, de rosto redondo, olhos escuros e cabelos crespos, escreveu sua obra mais conhecida com o pseudônimo de *Uma Maranhense*. A partir da publicação de *Úrsula* em 1859, apontado como o primeiro romance abolicionista do Brasil, Maria Firmina dos Reis passou a contribuir para a imprensa local com textos e poemas, além de escrever um conto, uma novela, um livro de poesias e diversas composições musicais. Entre suas principais obras estão *Úrsula*, *Cantos à beira-mar*, de 1871, e “Hino à liberdade dos escravos”, de 1888.

Conta-se que, quando foi tomar posse como a primeira mulher a ser aprovada em um concurso público no Maranhão para o cargo de professora de primário, com pouco mais de 20 anos, Firmina recusou o transporte em uma liteira carregada por escravizados, preferindo ir a pé: “Negro não é animal para se andar montado nele”. Maria Firmina dos Reis, única mulher dentre os bustos de importantes escritores maranhenses homenageados na Praça do Pantheon, São Luís, morreu no dia 11 de novembro de 1917 aos 95 anos, cega e pobre, na casa de Mariazinha, ex-escravizada e mãe de um de seus filhos de criação.

Segundo Régia Agostinho da Silva, professora da Universidade Federal do Maranhão e autora do artigo “A mente, essa ninguém pode escravizar: Maria Firmina dos Reis e a escrita feita por mulheres no Maranhão”, na literatura da escritora “os escravos são nobres e generosos. Estão em pé de igualdade com os brancos e, quando a autora dá voz a eles, deixa que eles mesmos contem suas tragédias. O que já é um salto imenso em relação

a outros textos abolicionistas.” Para Régia da Silva, esse é um dos prováveis motivos pelos quais a obra da autora passou tantas décadas esquecida e desconhecida do grande público:

O assunto de que tratava era insalubre demais, uma fala antiescravista em uma das províncias mais escravistas do Brasil. Não a levaram a sério localmente, não queriam ouvi-la falando. E ela não teve como levar seu texto para outros lugares.¹

MARIA FIRMINA NO SÉCULO XX

Foi somente em 1962, em um sebo do Rio de Janeiro, que a obra de Maria Firmina dos Reis foi recuperada pelo historiador paraibano Horácio de Almeida. Nos registros oficiais da Câmara dos Vereadores de Guimarães, sua gravura é, na realidade, a de uma mulher branca, tal como seu busto no Museu Histórico do Maranhão, retrato de uma mulher de nariz fino e cabelos lisos. Através dos novos olhares lançados sobre os estudos da literatura afro-brasileira e da literatura escrita por mulheres, vida e obra de Maria Firmina dos Reis passam a ser resgatadas, integrando-a, aos poucos, ao cânone literário brasileiro.

Outra importante fonte de informações sobre a vida autora é seu famoso *Álbum*, compilação de anotações pessoais da autora que foi disponibilizado ao seu biógrafo, José Nascimento Morais Filho, por um dos filhos de criação da autora, Leude Guimarães. O comentário da professora e pesquisadora Maria Helena Pereira Toledo Machado acerca do *Álbum* é elucidativo de alguns importantes aspectos biográficos de Maria Firmina:

O *Álbum* agrupa diferentes tipos de registro, que seguem os parâmetros usuais da redação de diário característicos do século XIX: anotações de datas familiares e comemorativas, de visitas e participações em eventos sociais, como casamentos, de partidas e chegadas de viagem, e reflexões sobre a vida da autora. Nesse conjunto, chamam atenção as

1. SILVA, Régia Agostinho da *apud* D'ANGELO, Helô. “Quem foi Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista negra”. São Paulo: *Cult*, 2017. Disponível em hedra.com.br/r/315.

entradas referentes às sucessivas perdas dos filhos adotivos ou afilhados (Firmina se encarregou da criação de onze crianças, algumas delas filhas de escravos/ os), cujas notas revelam o fundo sofrimento que cada uma das mortes acarretou.

Manifestando incompreensão trágica e esforço de conformação com a vontade divina, esses apontamentos invariavelmente terminam com a frase “que a terra lhe seja leve”, imprimindo um tom ainda mais soturno à redação. Por fim, as reflexões sobre sua vida exprimem um profundo senso de solidão, fragilidade e melancolia, expresso em paisagens noturnas, visões do infinito e do vazio, e aguda consciência de sua individualidade. Esse é considerado o primeiro diário redigido por uma mulher a ser publicado no Brasil.²

SOBRE A EDIÇÃO

Esta edição é uma miscelânea de gêneros literários praticados por Maria Firmina dos Reis, entre a prosa e a poesia. Ela reúne os textos, em prosa, “A escrava” e “Gupeva”; e versos extraídos do livro *Cantos à beira-mar*, de 1871, e da coletânea *Parnaso maranhense*, de 1861, além do “Hino à liberdade dos escravos”, de 1888. Os textos são apresentados na mesma ordem que acabamos de mencionar, sem hierarquização cronológica ou de importância, apenas dividimos por gênero para conferir uma coesão estrutural na organização da edição.

O conto “A escrava” foi publicado, pela primeira vez, na terceira edição da *Revista Maranhense*, em novembro de 1887. No século XX, vem sendo editado nas mais diversas antologias sobre a autora, denotando seu lugar de destaque no conjunto até então conhecido de sua obra e na história da literatura brasileira. A narrativa tem caráter abolicionista e marca uma fase mais amadurecida da autora. Ao colocar como protagonista uma mulher negra escravizada, que fugiu de seu algóz e relata sua própria

2. MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. “Maria Firmina dos Reis: invisibilidade e presença de uma romancista negra no Brasil do século XIX ao XX”. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018, p. 11–12.

história para a narradora, descrita apenas como “uma senhora”, Firmina dos Reis constrói um relato não apenas de escravidão, mas, sobretudo, de resistência e liberdade.

Quanto a “Gupeva”, trata-se de uma novela publicada, pela primeira vez e de forma incompleta, em capítulos no semanário *O Jardim Maranhense*, entre outubro de 1861 e janeiro de 1862. O texto foi publicado em versão completa e revista em mais dois periódicos pela escritora, no jornal *Porto Livre*, em 1863, e em *Eco da Juventude*, em 1865. Ambientada na Bahia, a novela narra a história do indígena Gupeva e da filha de sua esposa, Épica. Com a morte da mulher logo após o parto, Gupeva batiza a criança com o mesmo nome da mãe e passa a cuidar dela como pai. A paixão de Épica, a filha, por um marinheiro francês traz à tona um passado repleto de conflitos.

O livro de poesia *Cantos à beira-mar* foi publicado, pela primeira vez, em 1871, pela Tipografia do Paiz. Dos 56 poemas, foram selecionados 29 para esta organização. Nos versos líricos, estão presentes muitos dos temas relacionados ao Romantismo brasileiro, como a exaltação da terra, o nacionalismo, a idealização e a impossibilidade do sentimento amoroso. Além disso, há poemas com crítica à sociedade patriarcal e ao papel destinado às mulheres na sociedade. Há ainda um poema indianista, “Por ocasião da tomada de Villeta e ocupação de Assunção”, dialogando com a novela “Gupeva”.

Os poemas “Por ver-te” e “Minha vida” transcritos de uma coletânea com textos de outros poetas da geração de Firmina dos Reis, como Gonçalves Dias e Sotero dos Reis. O livro *Parnaso maranhense* foi publicado em 1861 pela Tipografia do Progresso, em São Luís, com organização de Gentil Homem de Almeida Braga, Antônio Marques Rodrigues, Raimundo de Brito Gomes de Sousa, Luís Antônio Vieira da Silva, Joaquim Serra e Joaquim da Costa Barradas. Por fim, temos um dos textos poéticos mais famosos da autora, o “Hino à liberdade dos escravos”, gênero bastante presente em sua obra, composto por ocasião da Abolição da Escravatura, em 1888.

É também importante ressaltar que as características do Romantismo permeiam a obra de Maria Firmina. *Úrsula* trata de um amor conturbado entre dois jovens brancos, no entanto dá protagonismo a certos personagens escravizados, expondo suas reflexões acerca das injustiças presentes em uma sociedade escravocrata e patriarcal. Questões sociais e abolicionistas fazem parte da terceira fase do Romantismo, também conhecida como Condoreirismo. “Gupeva”, por outro lado, integra particularidades do indianismo, uma das tendências mais marcantes da fase romântica. Por fim, grande parte de seus poemas publicados em *Cantos à beira-mar* exprimem uma inquietação diante do autoritarismo vigente, fruto do patriarcado escravocrata, e o eu lírico feminino manifesta a agonia e a melancolia tão presentes na produção do período romântico.

Para o estabelecimento do texto, cotejamos os textos publicados em *Maria Firmina dos Reis: fragmentos de uma vida*, de 1975, edição organizada por Nascimento Morais Filho, em *Úrsula*, de 2009, e *Úrsula e outras obras*, de 2019. A escrita foi atualizada conforme o Novo Acordo Ortográfico, mas foram mantidas colocações pronominais da época e grafias como *soidão* (“solidão”), para não romper com o ritmo e a métrica do texto.

PROSA

A escrava

Em um salão onde se achavam reunidas muitas pessoas distintas, e bem colocadas na sociedade, e depois de versar a conversação sobre diversos assuntos mais ou menos interessantes, recaiu sobre o elemento servil.

O assunto era por sem dúvida de alta importância. A conversação era geral; as opiniões, porém, divergiam. Começou a discussão. 5

— Admira-me, — disse uma senhora de sentimentos sinceramente abolicionistas; — faz-me até pascar como se possa sentir e expressar sentimentos escravocratas, no presente século, no século dezenove! A moral religiosa e a moral cívica aí se erguem, e falam bem alto esmagando a hidra que envenena a família no mais sagrado santuário seu, e desmoraliza, e avilta a nação inteira! Levantai os olhos ao Gólgota, ou percorrei-os em torno da sociedade, e dizei-me: 10 15

— Para quê se deu em sacrifício o Homem Deus, que ali exalou seu derradeiro alento? Ah! Então não é verdade que seu sangue era o resgate do homem! É então uma mentira abominável ter esse sangue comprado a liberdade!? E depois, olhai a sociedade... Não vedes o abutre que a corrói constantemente!... 20 Não sentis a desmoralização que a enerva, o cancro que a destrói?

Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ela é, e será sempre um grande mal. Dela a decadência do comércio; porque o comércio e a lavoura caminham de mãos dadas, e o escravo não pode fazer florescer a lavoura; porque o seu trabalho é forçado. 25 Ele não tem futuro; o seu trabalho não é indenizado; ainda dela nos vem o opróbrio, a vergonha; porque de frente altiva e desasomburada não podemos encarar as nações livres; por isso que o

estigma da escravidão, pelo cruzamento das raças, estampa-se na frente de todos nós. Embalde procurará um dentre nós, convencer ao estrangeiro que em suas veias não gira uma só gota de sangue escravo...

5 E depois, o caráter que nos imprime e nos envergonha! O escravo é olhado por todos como vítima — e o é.

O senhor, que papel representa na opinião social?

O senhor é o verdugo — e esta qualificação é hedionda.

Eu vou narrar-vos, se me quiserdes prestar atenção, um fato
10 que ultimamente se deu. Poderia citar-vos uma infinidade deles; mas este basta, para provar o que acabo de dizer sobre o algoz e a vítima.

E ela começou:

— Era uma tarde de agosto, bela como um ideal de mulher,
15 poética como um suspiro de virgem, melancólica e suave como sons longínquos de um alaúde misterioso.

Eu cismava, embevecida na beleza natural das alterosas palmeiras que se curvaram gemebundas, ao sopro do vento, que gemia na costa.

20 E o sol, dardejando seus raios multicores, pendia para o ocaso em rápida carreira.

Não sei que sensações desconhecidas me agitavam, não sei!... Mas sentia-me com disposições para o pranto.

De repente uns gritos lastimosos, uns soluços angustiados
25 feriram-me os ouvidos, e uma mulher correndo, e em completo desalinho, passou por diante de mim, e como uma sombra desapareceu.

Segui-a com a vista. Ela espavorida, e trêmula, deu a volta em torno de uma grande moita de murta, e colando-se no chão
30 nela se ocultou.

Surpresa com a aparição daquela mulher, que parecia foragida, daquela mulher que um minuto antes quebrara a solidão com seus ais lamentosos, com gemidos magoados, com gritos de suprema angústia, permaneci com a vista alongada e olhar fixo,
35 no lugar que a vi ocultar-se.

Ela muda, e imóvel, ali quedou-se.

Eu então a mim mesma, interroguei:

— Quem será a desditosa?

La procurá-la — coitada! Uma palavra de animação, um socorro, algum serviço, lembrei-me, poderia prestar-lhe. Ergui-me. 5

Mas, no momento mesmo em que este pensamento, que acode a todo homem em idênticas circunstâncias, se me despertava, um homem apareceu no extremo oposto do caminho.

Era ele de cor parda, de estatura elevada, largas espáduas, cabelos negros, e anelados. 10

Fisionomia sinistra era a desse homem, que brandia, brutalmente, na mão direita um azorrague repugnante; e da esquerda deixava pender uma delgada corda de linho.

— Inferno! Maldição! — bradara ele com voz rouca. — Onde estará ela? — e perscrutava com a vista por entre os arvoredos desiguais que desfilavam à margem da estrada. 15

— Tu me pagarás — resmungava ele. — E aproximando-se de mim:

Não viu, minha senhora, — interrogou com acento, cuja dureza procurava reprimir, — não viu por aqui passar uma negra, que me fugiu das mãos ainda há pouco? Uma negra que se finge doida... Tenho as calças rotas de correr atrás dela por estas bre-nhas. Já não tenho fôlego. 20

Aquele homem de aspecto feroz era o algoz daquela pobre vítima, compreendi com horror. 25

De pronto tive um expediente. — Vi-a, tornei-lhe com a naturalidade, que o caso exigia; — vi-a, e ela também me viu, corria em direção a este lugar; mas parecendo intimidar-se com minha presença, tomou direção oposta, volvendo-se repentinamente sobre seus passos. Por fim a vi desaparecer, internando-se na espessura, muito além da senda que ali se abre. 30

E dizendo isto, indiquei-lhe com um aceno a senda que ficava a mais de cem passos de distância, aquém do morro em que me achava.

Minhas palavras inexatas, o ardil de que me servi, visavam a fazê-lo retroceder: logrei o meu intento.

Franziu o sobrolho, e sua fisionomia traiu a cólera que o assaltou.

5 Mordeu os beiços e rugiu:

— Maldita negra! Esbaforido, consumido, a meter-me por estes caminhos, pelos matos em procura da preguiçosa... Ora! Hei de encontrar-te; mas, deixa estar, eu te juro, será esta a derradeira vez que me incomodas. No tronco... no tronco: e de lá foge!

10 — Então, — perguntei-lhe, aparentando o mais profundo indiferentismo, pela sorte da desgraçada, — foge sempre?

— Sempre, minha senhora. Ao menor descuido foge. Quer fazer acreditar que é doida.

15 — Doida! — exclamei involuntariamente, e com acento que traía os meus sentimentos.

Mas o homem do azorrague não pareceu reparar nisso, e continuou:

— Doida... doida fingida, caro te há de custar.

20 Acreditei-o o senhor daquela mísera; mas empenhada em vê-lo desaparecer daquele lugar, disse-lhe:

— A noite se avizinha, e se a deixa ir mais longe, difícil lhe será encontrá-la.

25 — Tem razão, minha senhora; eu parto imediatamente, — e cumprimentando-me rudemente, retrocedeu correndo a mesma estrada que lhe tinha maliciosamente indicado.

Exalei um suspiro de alívio, ao vê-lo desaparecer na dobra do caminho.

30 O sol de todo sumia-se na orla cinzenta do horizonte, o vento paralisado não agitava as franças dos anosos arvoredos, só o mar gemia ao longe da costa, semelhando o arquejar monótono de um agonizante.

Ergui ao céu um voto de gratidão; e lembrei-me que era tempo de procurar minha desditosa protegida.

Ergui-me cônica de que ninguém me observava, e acercava-me já da moita de murta, quando um homem rompendo a espessura, apareceu ofegante, trêmulo e desvairado.

Confesso que semelhante aparição causou-me um terror imenso. Lembrei-me dos criados, que eu tinha convocado a essa hora naquele lugar, e que ainda não chegavam. Tive medo. 5

Parei instantemente, e fixei-o. Apesar do terror que me havia inspirado, fixei-o resolutamente.

De repente, serenou o meu temor; olhei-o, e do medo, passei à consideração, ao interesse. 10

Era quase uma ofensa ao pudor fixar a vista sobre aquele infeliz, cujo corpo seminu mostrava-se coberto de recentes cicatrizes; entretanto sua fisionomia era franca, e agradável. O rosto negro, e descarnado; suposto seu juvenil aspecto aljofarado de copioso suor, seus membros alquebrados de cansaço, seus olhos rasgados, ora deferindo luz errante, e trêmula, agitada, e incerta traduzindo a excitação, e o terror, tinham um quê de altamente interessante. 15

No fundo do coração daquele pobre rapaz, devia haver rasgos de amor, e generosidade.

Cruzamos ele e eu as vistas, e ambos recuamos espavoridos. Eu, pelo aspecto comovente e triste daquele infeliz, tão deserdado da sorte; ele, por que seria? 20

Isto teve a duração de um segundo apenas: recobrei ânimo em presença de tanta miséria, e tanta humilhação, e este ânimo procurei de pronto transmitir-lhe. 25

Longe de lhe ser hostil, o pobre negro compreendeu que eu ia talvez minorar o rigor de sua sorte; parou instantaneamente, cruzou as mãos no peito, e com voz súplice, murmurou algumas palavras que eu não pude entender.

Aquela atitude comovedora despertou-me compaixão; apesar do medo que nos causa a presença dum calhambola, aproximei-me dele, e com voz, que bem compreendeu ser protetora e amiga, disse-lhe: 30

— Quem és, filho? O que procuras?

— Ah! Minha senhora, — exclamou erguendo os olhos ao 35

céu, — eu procuro minha mãe, que correu nesta direção, fugindo ao cruel feitor, que a perseguia. Eu também agora sou um fugido: porque há uma hora deixei o serviço para procurar minha pobre mãe, que além de doida está quase a morrer. Não sei se ele a
5 encontrou; e o que será dela. Ah! Minha mãe! É preciso que eu corra, a ver se acho antes que o feitor a encontre.

— Aquele homem é um tigre, minha senhora, é uma fera.

Ouvia-o, sem o interromper, tanto interesse me inspirava o mísero escravo.

10 — Amanhã, — continuou ele, — hei de ser castigado; porque saí do serviço, antes das seis horas, hei de ter trezentos açoites; mas minha mãe morrerá se ele a encontrar. Estava no serviço, coitada! Minha mãe caiu, desfalecida; o feitor lhe impôs que trabalhasse, dando-lhe açoites; ela deitou a correr gritando. Ele
15 correu atrás. Eu corri também, corri até aqui porque foi esta a direção que tomaram. Mas, onde está ela, onde estará ele?

— Escuta, — lhe tornei então, — tua mãe está salva, salvou-a o acaso; e o feitor está agora bem longe daqui.

20 — Ah! Minha senhora, onde, onde está a minha mãe e quem a salvou?

— Segue-me, — disse eu — tua mãe está ali — e aponte para a moita onde se refugiara.

— Minha mãe, — sem receio de ser ouvido, exclamou o filho — minha mãe!...

25 Com efeito, ali com a frente reclinada sobre um tronco decepado; e o corpo distendido no chão, dormia um sono agitado a infeliz foragida.

— Minha mãe, — gritou-lhe ao ouvido curvando os joelhos em terra, e tomando-a nos seus braços. — Minha mãe... sou
30 Gabriel...

A esta exclamação de pungente angústia, a mísera pareceu despertar.

Olhou-a fixamente; mas não articulou um som.

— Ah! — redarguiu Gabriel, — ah! Minha senhora! Minha
35 mãe morre!

Concheguei-me àquele grupo interessante a fim de prestar-lhe algum serviço. Com efeito era tempo. Ela era presa dum ataque espasmódico. Estava hirta e parecia prestes a exalar o derradeiro suspiro.

— Não, ela não morre deste ataque; mas é preciso prestar-lhe pronto socorro, — disse-lhe. 5

— Diga, minha senhora, — tornou o rapaz na mais pungente ansiedade, — que devo fazer? Volte eu embora à fazenda, seja castigado com rigor; mas não quero, não posso ver minha mãe morrer aqui, sem socorro algum. 10

— Sossega, — disse-lhe, vendo assomar ao morro, donde observavam tudo que acabo de narrar, os meus criados, que me procuravam; — espera, disse-lhe:

Vou fazer transportar tua mãe, à minha casa, e lhe farei tornar à vida. 15

— Diga, minha senhora, ordene.

— Não moro presentemente longe daqui. Sabes a distância que vai daqui à praia? Estou nos banhos salgados.

— Sei, sim, senhora, é muito perto. Que devo então fazer?

— Tu, e estes homens — os criados acabavam de chegar — vão transportá-la imediatamente à minha morada, e lá procurarei reanimá-la. 20

— Oh! Minha senhora, que bondade! — foi só o que disse e, ato contínuo, tomou nos braços a pobre mãe, ainda entregue ao seu dorido paroxismo, disse: 25

— Minha senhora, eu só levaria minha mãe ao fim do mundo.

Senti-me tocada de veneração em presença daquele amor filial, tão singelamente manifestado.

— Sigamos, então, — tornei eu.

Gabriel caminhava tão apressadamente que eu mal podia acompanhá-lo. 30

Em menos de quinze minutos transpúnhamos o umbral da casinha, que há dois dias apenas eu habitava.

Eu bem conhecia a gravidade do meu ato: recebia em meu

lar dois escravos foragidos, e escravos talvez de algum poderoso senhor; era expor-me à vindita da lei; mas em primeiro lugar o meu dever, e o meu dever era socorrer aqueles infelizes.

5 Sim, a vindita da lei; lei que infelizmente ainda perdura, lei que garante ao forte o direito abusivo, e execrando de oprimir o fraco.

Mas, deixar de prestar auxílio àqueles desgraçados, tão abandonados, tão perseguidos, que nem para a agonia derradeira, nem para transpor esse tremendo portal da Eternidade, tinham
10 sossego, ou tranquilidade! Não.

Tomei com coragem a responsabilidade do meu ato: a humanidade me impunha esse santo dever.

Fiz deitar a moribunda em uma cama, fiz abrir as portas todas para que a ventilação se fizesse livre, e boa, e prestei-lhe os
15 serviços, que o casourgia, e com tanta vantagem, que em pouco recuperou os sentidos.

Olhou em torno de si, como que espantada do que via, e tornou a fechar os olhos.

— Minha mãe!... Minha mãe, — de novo exclamou o filho.

20 Ao som daquela voz chorosa, e tão grata, ela ergueu a cabeça, distendeu os braços, e, com voz débil, murmurou:

— Carlos!... Urbano...

— Não, minha mãe sou Gabriel.

— Gabriel, — tornou ela, com voz estridente. — É noite, e
25 eles para onde foram?

— De quem fala ela? — interroguei Gabriel, que limpava as lágrimas na coberta da cama de sua mãe.

— É doida, minha senhora; fala de meus irmãos Carlos e Urbano, crianças de oito anos, que meu senhor vendeu para o
30 Rio de Janeiro. Desde esse dia ela endoideceu.

— Horror! — exclamei com indignação e dor. Pobre mãe!

— Só lhe resto eu, — continuou soluçando — só eu... só eu!...

Entretanto, a enferma pouco a pouco recobrava as forças, a vida, e a razão. Fenômenos da morte, por assim dizer: é luta
35 imponente, embora da natureza, com o extermínio.

VERSOS

Hino à liberdade dos escravos

Salve Pátria do Progresso!
Salve! Salve Deus a Igualdade!
Salve! Salve o Sol que raiou hoje,
Difundindo a Liberdade!

Quebrou-se enfim a cadeia
Da nefanda Escravidão!
Aqueles que antes oprimias,
Hoje terás como irmão!

5

COLEÇÃO HEDRA

1. *Don Juan*, Molière
2. *Contos indianos*, Mallarmé
3. *Triunfos*, Petrarca
4. *O retrato de Dorian Gray*, Wilde
5. *A história trágica do Doutor Fausto*, Marlowe
6. *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe
7. *Dos novos sistemas na arte*, Maliévitch
8. *Metamorfoses*, Ovídio
9. *Micromegas e outros contos*, Voltaire
10. *O sobrinho de Rameau*, Diderot
11. *Carta sobre a tolerância*, Locke
12. *Discursos ímpios*, Sade
13. *O príncipe*, Maquiavel
14. *Dao De Jing*, Lao Zi
15. *O fim do ciúme e outros contos*, Proust
16. *Pequenos poemas em prosa*, Baudelaire
17. *Fé e saber*, Hegel
18. *Joana d'Arc*, Michelet
19. *Livro dos mandamentos: 248 preceitos positivos*, Maimônides
20. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*, Emma Goldman
21. *Eu acuso!*, Zola | *O processo do capitão Dreyfus*, Rui Barbosa
22. *Apologia de Galileu*, Campanella
23. *Sobre verdade e mentira*, Nietzsche
24. *O princípio anarquista e outros ensaios*, Kropotkin
25. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*, Rocker
26. *Poemas*, Byron
27. *Sonetos*, Shakespeare
28. *A vida é sonho*, Calderón
29. *Escritos revolucionários*, Malatesta
30. *Sagas*, Strindberg
31. *O mundo ou tratado da luz*, Descartes
32. *Fábula de Polifemo e Galateia e outros poemas*, Góngora
33. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
34. *Escritos sobre arte*, Baudelaire
35. *Cântico dos cânticos*, [Salomão]
36. *Americanismo e fordismo*, Gramsci
37. *O princípio do Estado e outros ensaios*, Bakunin
38. *Balada dos enforcados e outros poemas*, Villon
39. *Sátiras, fábulas, aforismos e profecias*, Da Vinci
40. *O cego e outros contos*, D.H. Lawrence
41. *Rashômon e outros contos*, Akutagawa
42. *História da anarquia (vol. 1)*, Max Nettlau
43. *Imitação de Cristo*, Tomás de Kempis
44. *O casamento do Céu e do Inferno*, Blake
45. *Flossie, a Vênus de quinze anos*, [Swinburne]
46. *Teleny, ou o reverso da medalha*, [Wilde et al.]
47. *A filosofia na era trágica dos gregos*, Nietzsche
48. *No coração das trevas*, Conrad
49. *Viagem sentimental*, Sterne
50. *Arcana Caelestia e Apocalipsis revelata*, Swedenborg
51. *Saga dos Volsungos*, Anônimo do séc. XIII
52. *Um anarquista e outros contos*, Conrad
53. *A monadologia e outros textos*, Leibniz
54. *Cultura estética e liberdade*, Schiller

55. *Poesia basca: das origens à Guerra Civil*
56. *Poesia catalã: das origens à Guerra Civil*
57. *Poesia espanhola: das origens à Guerra Civil*
58. *Poesia galega: das origens à Guerra Civil*
59. *O pequeno Zacarias, chamado Cinábrio*, E.T.A. Hoffmann
60. *Entre camponeses*, Malatesta
61. *O Rabi de Bacherach*, Heine
62. *Um gato indiscreto e outros contos*, Saki
63. *Viagem em volta do meu quarto*, Xavier de Maistre
64. *Hawthorne e seus musgos*, Melville
65. *A metamorfose*, Kafka
66. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*, Shelley
67. *Feitiço de amor e outros contos*, Ludwig Tieck
68. *O corno de si próprio e outros contos*, Sade
69. *Investigação sobre o entendimento humano*, Hume
70. *Sobre os sonhos e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
71. *Sobre a filosofia e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
72. *Sobre a amizade e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
73. *A voz dos botequins e outros poemas*, Verlaine
74. *Gente de Hemsö*, Strindberg
75. *Senhorita Júlia e outras peças*, Strindberg
76. *Correspondência*, Goethe | Schiller
77. *Poemas da cabana montanhesa*, Saigyō
78. *Autobiografia de uma pulga*, [Stanislas de Rhodes]
79. *A volta do parafuso*, Henry James
80. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*, Keats
81. *Carmilla — A vampira de Karnstein*, Sheridan Le Fanu
82. *Pensamento político de Maquiavel*, Fichte
83. *Inferno*, Strindberg
84. *Contos clássicos de vampiro*, Byron, Stoker e outros
85. *O primeiro Hamlet*, Shakespeare
86. *Noites egípcias e outros contos*, Púchkin
87. *Jerusalém*, Blake
88. *As bacantes*, Eurípides
89. *Emília Galotti*, Lessing
90. *Viagem aos Estados Unidos*, Tocqueville
91. *Émile e Sophie ou os solitários*, Rousseau
92. *Manifesto comunista*, Marx e Engels
93. *A fábrica de robôs*, Karel Tchépek
94. *Sobre a filosofia e seu método — Parerga e paralipomena* (v. II, t. 1), Schopenhauer
95. *O novo Epicuro: as delícias do sexo*, Edward Sellon
96. *Revolução e liberdade: cartas de 1845 a 1875*, Bakunin
97. *Sobre a liberdade*, Mill
98. *A velha Izerguil e outros contos*, Górkí
99. *Pequeno-burgueses*, Górkí
100. *Primeiro livro dos Amores*, Ovídio
101. *Educação e sociologia*, Durkheim
102. *A nostálgica e outros contos*, Papadiamántis
103. *Lisístrata*, Aristófanes
104. *A cruzada das crianças/ Vidas imaginárias*, Marcel Schwob
105. *O livro de Monelle*, Marcel Schwob
106. *A última folha e outros contos*, O. Henry
107. *Romanceiro cigano*, Lorca
108. *Sobre o riso e a loucura*, [Hipócrates]
109. *Hino a Afrodite e outros poemas*, Safo de Lesbos
110. *Anarquia pela educação*, Élisée Reclus
111. *Ernestine ou o nascimento do amor*, Stendhal

112. *Odisseia*, Homero
113. *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, Stevenson
114. *História da anarquia* (vol. 2), Max Nettlau
115. *Sobre a ética — Paregra e paralipomena* (v. II, t. II), Schopenhauer
116. *Contos de amor, de loucura e de morte*, Horacio Quiroga
117. *Memórias do subsolo*, Dostoiévski
118. *A arte da guerra*, Maquiavel
119. *Elogio da loucura*, Erasmo de Rotterdam
120. *Oliver Twist*, Dickens
121. *O ladrão honesto e outros contos*, Dostoiévski
122. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, Nietzsche
123. *Édipo Rei*, Sófocles
124. *Fedro*, Platão
125. *A conjuração de Catilina*, Salústio
126. *O chamado de Cthulhu*, H. P. Lovecraft
127. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, Engels

METABIBLIOTECA

1. *O desertor*, Silva Alvarenga
2. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa
3. *Teatro de êxtase*, Pessoa
4. *Oração aos moços*, Rui Barbosa
5. *A pele do lobo e outras peças*, Artur Azevedo
6. *Tratados da terra e gente do Brasil*, Fernão Cardim
7. *O Ateneu*, Raul Pompeia
8. *História da província Santa Cruz*, Gandavo
9. *Cartas a favor da escravidão*, Alencar
10. *Pai contra mãe e outros contos*, Machado de Assis
11. *Iracema*, Alencar
12. *Auto da barca do Inferno*, Gil Vicente
13. *Poemas completos de Alberto Caetano*, Pessoa
14. *A cidade e as serras*, Eça
15. *Mensagem*, Pessoa
16. *Utopia Brasil*, Darcy Ribeiro
17. *Bom Crioulo*, Adolfo Caminha
18. *Índice das coisas mais notáveis*, Vieira
19. *A carteira de meu tio*, Macedo
20. *Elixir do pajé — poemas de humor, sátira e escatologia*, Bernardo Guimarães
21. *Eu*, Augusto dos Anjos
22. *Farsa de Inês Pereira*, Gil Vicente
23. *O cortiço*, Aluísio Azevedo
24. *O que eu vi, o que nós veremos*, Santos-Dumont

«SÉRIE LARGEPOST»

1. *Dao De Jing*, Lao Zi
2. *Escritos sobre literatura*, Sigmund Freud
3. *O destino do erudito*, Fichte
4. *Diários de Adão e Eva*, Mark Twain
5. *Diário de um escritor* (1873), Dostoiévski

«SÉRIE SEXO»

1. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
2. *O outro lado da moeda*, Oscar Wilde
3. *Poesia Vaginal*, Glauco Mattoso
4. *Perversão: a forma erótica do ódio*, Stoller
5. *A vênus de quinze anos*, [Swinburne]
6. *Explosao: romance da etnologia*, Hubert Fichte

COLEÇÃO «QUE HORAS SÃO?»

1. *Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica*, Tales Ab'Sáber
2. *Crédito à morte*, Anselm Jappe
3. *Universidade, cidade e cidadania*, Franklin Leopoldo e Silva
4. *O quarto poder: uma outra história*, Paulo Henrique Amorim
5. *Dilma Rousseff e o ódio político*, Tales Ab'Sáber
6. *Descobrimo o Islã no Brasil*, Karla Lima
7. *Michel Temer e o fascismo comum*, Tales Ab'Sáber
8. *Lugar de negro, lugar de branco?*, Douglas Rodrigues Barros
9. *Machismo, racismo, capitalismo identitário*, Pablo Polese
10. *A linguagem fascista*, Carlos Piovezani & Emilio Gentile

COLEÇÃO «ARTECRÍTICA»

1. *Dostoiévski e a dialética*, Flávio Ricardo Vassoler
2. *O renascimento do autor*, Caio Gagliardi
3. *O homem sem qualidades à espera de Godot*, Robson de Oliveira

«NARRATIVAS DA ESCRAVIDÃO»

1. *Incidentes da vida de uma escrava*, Harriet Jacobs
2. *Nascidos na escravidão: depoimentos norte-americanos*, WPA
3. *Narrativa de William W. Brown, escravo fugitivo*, William Wells Brown

COLEÇÃO «WALTER BENJAMIN»

1. *O contador de histórias e outros textos*, Walter Benjamin
2. *Diário parisiense e outros escritos*, Walter Benjamin

Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro na gráfica Meta Brasil,
em 21 de setembro de 2021, em papel pólen soft, em tipografia MinionPro
e Formular, com diversos softwares livres, entre eles \LaTeX e git.
(v. 6e2f894)

